



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO
SECIÓN PARA EFUNDAMENTOS AAZAMSS LU
DA EVANGELISZACIAA NO MUNDO

«Vim para salvar o mundo»
(Jo 12,47)

24 HORAS PARA O SENHOR

13-14 março 2026

XIII 24 HORAS PARA O SENHOR

13-14 de março de 2026

«*Eu vim para salvar o mundo*»

(cf. Jo 12,47)

Subsídio Pastoral

Índice Geral

NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	5
A CONFISSÃO	6
Para encontrar motivação e vencer os próprios medos sobre a confissão.....	7
Da Homilia 36 sobre a medicina que nos cura, de Santo Agostinho	7
Porque devo confessar-me?	8
Testemunho sobre o poder da reconciliação por Olivia Hurst.....	9
O rito do Sacramento da Reconciliação	11
Preparar-se para a confissão	11
Como se confessar?	12
Testemunho de conversão	14
A VIGÍLIA.....	15
Premissas.....	16
Início da vigília. Liturgia penitencial	18
Desenvolvimento da vigília.....	22
Ver a luz de Deus.....	23
Mensagem do Papa Leão XIV para a Quaresma de 2026.....	25

NOTAS INTRODUTÓRIAS

*Como todos os anos, o presente subsídio pretende oferecer algumas sugestões para ajudar as paróquias e as comunidades cristãs a prepararem-se para viver a tradicional iniciativa das **24 horas para o Senhor**. São propostas que podem ser adaptadas de acordo com as necessidades e os costumes locais.*

Na tarde de sexta-feira, 13 de março, e durante todo o dia de sábado, 14 de março, seria significativo prever a abertura extraordinária da igreja, oferecendo a possibilidade de acesso às confissões, preferencialmente num contexto de Adoração Eucarística convenientemente preparada. O evento poderia começar na sexta-feira à noite com uma liturgia penitencial que ajudasse os fiéis a se prepararem para a confissão sacramental e concluir com a celebração da Santa Missa festiva no sábado à tarde.

*Na **primeira parte** do Subsídio são apresentadas algumas reflexões que permitem refletir sobre o significado do Sacramento da Reconciliação. Os textos preparam para viver conscientemente o encontro com o sacerdote no momento da confissão individual. São também um estímulo para superar as eventuais resistências que muitas vezes se opõem à confissão. São oferecidos textos que ilustram o caminho da própria conversão e inspiram as nossas vidas para que realizemos as obras de misericórdia, continuando o crescimento pessoal depois de ter recebido a absolvição dos pecados.*

*A **segunda parte** apresenta uma temática que pode ser utilizada durante o tempo de abertura da Igreja, para que aqueles que vierem se confessar possam receber ajuda na oração e na meditação através de um percurso baseado na Palavra de Deus.*

PARTE I

A CONFISSÃO

«Tu tens compaixão de todos porque tudo podes e dissimulas os pecados dos homens para que se arrependam. Amas todos os seres e nada do que fizeste aborreces, pois, se odiasses alguma coisa, não a terias feito. Mas tu és indulgente com todas as coisas, porque são tuas, Senhor que amas a vida»

Sab 11, 23-24.26

Para encontrar motivação e vencer os próprios medos sobre a confissão

Da Homilia 36 sobre a medicina que nos cura, de Santo Agostinho

Invoquemos o testemunho de Deus

Perante as acusações dos homens e as baixas insinuações do género humano, tomemos Deus como juiz; escolhemo-Lo, irmãos, como testemunha. Aquele que é juiz não despreza ser testemunha; não recebe uma promoção ao tornar-se juiz, pois, sendo agora testemunha, será também juiz. É testemunha porque não precisa de outros para saber quem és. É juiz porque tem o poder de dar a morte e conceder a vida, de condenar e absolver, de lançar no inferno e elevar ao céu, de nos enviar com o diabo ou de nos coroar junto com os anjos. Tendo esse poder, é juiz.

Mas como para te conhecer não precisa de testemunhas, Aquele que então te julgará agora te vê. Não poderás enganá-lo quando ele se dispuser a te julgar. Não poderás recorrer a falsas testemunhas que enganem esse juiz quando ele se dispuser a te julgar. Deus diz-te: quando me desprezavas, eu via; e quando te recusavas a acreditar, não escapavas ao meu julgamento: eu o adiava, mas não o anulava. Não quiseste ouvir o que eu ordenei, sofrerás o que eu predisse. Mas se ouvires o que eu te ordeno, não terás que sofrer os males anunciados, mas receberás os bens prometidos.

Não se deve impressionar com a frase: O meu julgamento é verdadeiro, porque não estou sozinho, mas eu e o Pai que me enviou, enquanto noutro lugar diz: O Pai não julga ninguém, mas confiou ao Filho todo o julgamento (cf. Jo 5,22). Já tratámos destas palavras do Evangelho, e agora limitamo-nos a recordar que elas não significam de modo algum que o Pai não esteja junto com o Filho para julgar, mas que aos bons e aos maus, convocados para o julgamento, aparecerá apenas o Filho, naquela forma em que sofreu, ressuscitou e ascendeu ao céu, segundo o anúncio feito pelos anjos aos discípulos que contemplavam a sua ascensão: Ele virá da mesma forma que o vistes subir ao céu (cf. At 1,11); isto é, ele virá para julgar na forma humana em que foi julgado, para que se cumpra a profecia: Olharão para aquele que traspassaram (Zc 12,10).

Se, pelo contrário, formos com os justos para a vida eterna, veremos como ele é, e então isso não será o julgamento dos vivos e dos mortos, mas apenas a recompensa dos vivos.

Também não deve causar dificuldade a frase: Na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro, como se pudesse pensar que essa não fosse a lei de Deus, por não ter dito «na lei de Deus», mas «na vossa lei». Saibam que ele disse «na vossa lei» como quem diz: na lei que vos foi dada. E por quem foi dada, senão por Deus? Da mesma forma que dizemos: o pão nosso de cada dia nos dá hoje (cf. Mt 6,11).

Porque devo confessar-me?

Em resposta a esta pergunta, propomos um texto do Papa Bento XVI e o testemunho de Olivia Hurst.

Bento XVI, Respostas às perguntas dos reclusos do Centro Penitenciário Romano de Rebibbia, 18 de dezembro de 2011

Sim, é uma questão importante e verdadeira a que me coloca.

Eu diria duas coisas. A primeira: naturalmente, se você se ajoelhar e, com verdadeiro amor a Deus, pedir que Ele o perdoe, Ele o perdoará. É doutrina constante da Igreja que, se alguém, com verdadeiro arrependimento, ou seja, não apenas para evitar penas e dificuldades, mas por amor ao bem, por amor a Deus, pedir perdão, receberá o perdão de Deus. Esta é a primeira parte. Se eu realmente reconheço que agi mal e se em mim renasceu o amor pelo bem, a vontade do bem, o arrependimento por não ter respondido a este amor, e peço a Deus, que é o Bem, o perdão, Ele concede-o.

Mas há um segundo elemento: o pecado não é apenas algo «pessoal», individual, entre Deus e mim. O pecado tem sempre também uma dimensão social, horizontal. Com o meu pecado pessoal, mesmo que talvez ninguém o conheça, prejudiquei também a comunhão da Igreja, sujou a comunhão da Igreja, sujou a humanidade. Por isso, esta dimensão social, horizontal, do pecado exige que seja absolvido também ao nível da comunidade humana, da comunidade da Igreja, quase corporalmente. Consequentemente, esta segunda dimensão do pecado, que não é apenas contra Deus, mas que também afeta a comunidade, exige o Sacramento, e o Sacramento é o grande dom no qual posso, através da confissão, libertar-me desse pecado e posso realmente receber o perdão também no sentido de uma plena readmissão na comunidade da Igreja viva, do Corpo de Cristo. Assim, neste sentido, a necessária absolvição por parte do sacerdote, o Sacramento, não é uma imposição que — digamos — limita a bondade de Deus, mas, pelo contrário, é uma expressão da bondade de Deus porque me mostra que também concretamente, na comunhão da Igreja, recebi o perdão e posso recomeçar de novo.

Portanto, eu diria que é preciso ter em mente estas duas dimensões: a vertical, com Deus, e a horizontal, com a comunidade da Igreja e da humanidade. A absolvição do sacerdote, a absolvição sacramental, é necessária para me absolver realmente deste vínculo com o mal e reintegrar-me completamente na vontade de Deus, na perspectiva de Deus, na sua Igreja, e dar-me a certeza, quase corporal, sacramental: Deus perdoa-me e recebe-me na comunidade dos seus filhos. Creio que devemos aprender a compreender o sacramento da Penitência neste sentido: uma possibilidade de encontrar, quase corporalmente, a bondade do Senhor, a certeza da reconciliação.

Testemunho sobre o poder da reconciliação por Olivia Hurst

«Olhem todos para a frente, contra a parede, e fiquem em silêncio. Tudo isto vai acabar em breve». Enquanto esperávamos na fila com as mãos suadas e as sobrelhas nervosas, tentávamos lembrar-nos do modo de proceder e rezávamos para que a pessoa que estava à nossa frente demorasse um pouco mais. Um por um, as crianças entravam na pequena sala até que, de repente, me vi na frente da fila, esperando que a minha professora me desse o sinal de que era a minha vez. Assim que recebi o sinal, dirigi-me lentamente para a porta com a pequena luz verde acima dela, acreditando que isso poderia muito bem ser o fim. Bem, pode-se dizer que sou uma estudante de teatro! Fiz a minha primeira confissão na aula de catecismo, antes da minha primeira comunhão. Estávamos todos extremamente nervosos porque o nosso padre era um homem intimidante, então ninguém queria ser o primeiro a confessar os seus pecados. As pessoas mais corajosas são sempre as primeiras. Depois do que pareceu uma eternidade no confessional, ele saiu e disse ao resto de nós que não tinha sido tão ruim quanto imaginávamos. Ele estava certo; claro, eu ainda estava nervosa só de pensar em ter que entrar numa sala para expor os meus pecados a um homem que mal conhecia, mas não foi tão dramático quanto a minha mente ativa de oito anos tinha imaginado. Eu não sabia naquele momento, mas logo não só perderia o meu medo da confissão, como também esperaria ansiosamente pelo sacramento.

O sacramento da reconciliação oferece àqueles que buscam a misericórdia e o perdão de Deus a oportunidade de recorrer a Ele com a certeza de que Ele nos ama e deseja nos perdoar. A reconciliação é o reconhecimento e a aceitação da misericórdia divina. É um lugar para curar as feridas da sua alma. Jesus disse a Santa Maria Faustina: «Conte-me tudo, seja sincera ao lidar comigo, revele todas as feridas do seu coração. Eu as curarei...» Todos nós temos feridas nas nossas vidas que precisamos reparar. Todos nós temos lutas nas nossas vidas que devemos suportar, e nem sempre vencemos. É da nossa natureza humana imperfeita que às vezes caímos. Tudo o que precisamos fazer nesses momentos difíceis é buscar o conselho de Deus para encontrar consolo e compreensão através do sacramento da reconciliação. Um dos maiores presentes que o Pai nos deu é o perdão através deste sacramento. Recorrer à reconciliação mostra a vontade e o desejo de receber o amor de Deus em toda a sua plenitude: o caminho da misericórdia. Para mim, a reconciliação tornou-se uma tábua de salvação para me manter ligada ao Pai. Como recém-formada do ensino secundário, estou rodeada de tentações que tentam me perder. Às vezes, sou vítima da tentação, como acontece com todos nós, mas me consola saber que, na minha fraqueza, posso recorrer ao Pai para buscar força e cura na reconciliação. O tempo antes da confissão é cheio de tensão devido ao peso dos pecados e aos fardos entre você e Deus. É quase como uma briga com um amigo. Você não deseja nada além de resolver o problema e ficar livre da tensão que existe entre vocês, mas tem medo de que o seu amigo não queira perdô-lo para resolver o problema. Estar em estado de pecado é semelhante a isso, exceto que não está em conflito com Deus, mas consigo mesmo. Essa luta interna é uma batalha constante para alcançarmos um estado de graça que não podemos ter sem Cristo e a Sua misericórdia.

Participar na reconciliação é como resolver o problema; uma vez que oferece os seus pecados e o peso que eles acarretam, sente-se livre. Essa liberdade não é a capacidade de fazer o que quiser sem consequências, mas a liberdade de abandonar o peso do pecado. Para mim, essa liberdade é como voar, na certeza de que Ele me perdoou mesmo com todas as minhas imperfeições. É normal que eu seja humana e cometa erros, porque sei que Deus estará sempre lá para me oferecer o seu perdão.

Para mim, a confissão é como o abraço caloroso de um pai que acalma uma criança ferida e perdida. Ele está a dizer-me que quer ajudar-me e estar ao meu lado. Ele diz-me que posso confiar nele porque ele me ama. Não há condenação nesse abraço, apenas amor. Não importa o que eu tenha feito, o Pai nunca me abandonará. Ele não nos condena pela nossa humanidade. Ele quer que sejamos livres do nosso pecado. Tudo o que tenho de fazer para receber essa liberdade é abrir o meu coração à sua cura. Em última análise, a reconciliação não é sobre ti e os teus erros, mas sobre Ele e a sua Divina Misericórdia.

Ao longo dos anos, descobri que a melhor maneira de me preparar para a confissão é sentar-me em silêncio, de preferência em adoração diante do Santíssimo Sacramento, pedindo a Deus que me prepare para receber a Sua graça e perdão. Refletindo, faço um exame de consciência baseado nos Dez Mandamentos e nas Bem-aventuranças para me ajudar a lembrar dos meus pecados passados. Um padre disse-me uma vez que a reconciliação não é sobre o padre, mas sobre a pessoa que se confessa e a misericórdia de Deus que atua através do padre que ouve a confissão. Foi esse reconhecimento que me deu coragem para me confessar quando eu tinha medo, e ainda hoje me dá consolo.

Após a confissão, quero permanecer no estado de graça em que me encontro em boa relação com Deus, mas também quero partilhar este sentimento e experiência com os outros. Quero mostrar às pessoas como a reconciliação é boa. Para a maioria das pessoas, a confissão é intimidante e desanimadora porque ninguém quer dizer o que fez; é normal querer manter essas coisas reprimidas. O que me ajuda é olhar para as estações da *Via Sacra*. Jesus cai três vezes sob o peso da cruz, e nós caímos ainda mais sob o peso dos nossos pecados. A confissão é libertar esse fardo, sabendo que a liberdade do pecado e a sensação de voar vêm da reconciliação com o Pai. O último estado de graça faz com que tudo valha a pena.

Quase uma década depois da minha primeira confissão, estou maravilhada com o perdão infinito de Deus. Quando era pequena, sentia-me intimidada pelo meu padre, e agora que sou uma jovem adulta vejo que a confissão em si é um sacramento intimidante, porque desafia a nossa natureza humana a manter as nossas dúvidas reprimidas. Apesar disso, podemos nos aproximar do confessor com a certeza de que, em nossos erros, podemos encontrar a cura. Consola-me saber que Ele continuará a libertar-me do fardo do pecado. Todos os dias, Cristo convida-nos a aceitar o seu conselho: «Aproximemo-nos, portanto, com confiança do trono da graça, para alcançar misericórdia e encontrar graça para um auxílio oportuno» (*Hb 4,16*). Nenhum pecado é maior do que a misericórdia de Deus. Deus perdoar-nos-á sempre que Lho pedirmos, por isso procuremos a sua misericórdia com um coração aberto ao seu amor ilimitado.

O rito do Sacramento da Reconciliação

Preparar-se para a confissão

*Meditação do Papa Francisco sobre o **Exame de Consciência**, na capela da Domus Sanctae Marthae, 4 de setembro de 2018 (de: L'Osservatore Romano, ed. diária, 05/09/2018)*

Existem dois espíritos, duas formas de pensar, de sentir, de agir: aquela que me leva ao Espírito de Deus e aquela que me leva ao espírito do mundo. E isso acontece na nossa vida: todos nós temos esses dois

«espíritos», digamos assim. Há o Espírito de Deus, que nos leva às boas obras, à caridade, à fraternidade, a adorar a Deus, a conhecer Jesus, a fazer tantas boas obras de caridade, a rezar. Mas há também o outro espírito do mundo, que nos leva à vaidade, ao orgulho, à presunção, à maledicência: outro caminho.

O nosso coração, dizia um santo, é como um «campo de batalha, um campo de guerra onde estes dois espíritos lutam. Esta é a «luta espiritual». Na vida cristã, é preciso lutar para dar espaço ao espírito de Deus e expulsar o espírito do mundo.

Sugiro uma bela oração que podemos fazer todos os dias, antes de ir dormir: refletir um pouco sobre o dia e perguntar-se: Mas que espírito eu segui hoje? O espírito de Deus ou o espírito do mundo? Isso se chama fazer um exame de consciência: sentir no coração o que aconteceu nessa guerra interior e como me defendi do espírito do mundo que me leva à vaidade, às coisas mesquinhas, aos vícios, à soberba, a tudo isso. Como me defendi das tentações concretas?

Isto faz-se como oração, antes de ir para a cama, hoje: que sentimentos tive. Identificar qual é o espírito que me levou a esse sentimento, que me inspirou esse sentimento: é o espírito do mundo ou o espírito de Deus? Muitas vezes, se formos honestos, descobriremos que «hoje fui invejoso, tive cobiça, fiz isto». Este é o espírito do mundo.

É verdade: todos nós temos dentro de nós essa luta, mas se não compreendermos como funcionam esses dois espíritos, como agem, não conseguiremos avançar com o espírito de Deus que nos leva a conhecer o pensamento de Cristo, o sentido de Cristo. Temos este grande dom, que é o espírito de Deus, mas somos frágeis, somos pecadores e temos também a tentação do espírito do mundo. Nesta luta espiritual, nesta guerra do espírito, é preciso ser vencedores como Jesus, mas é necessário saber que caminho se percorre. Precisamente por isso é muito útil o exame de consciência, à noite rever o dia e dizer: «sim, hoje fui tentado aqui, venci aqui, o Espírito Santo deu-me esta inspiração». Em resumo, trata-se de saber o que se passa no coração.

Como se confessar?

Ao aproximar-se o penitente para confessar os seus pecados, o sacerdote recebe-o com afabilidade e saúda-o com palavras amáveis. Ele torna presente o Senhor misericordioso. Junto com o sacerdote, faz o sinal da cruz, dizendo:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O sacerdote convida a ter confiança em Deus com estas palavras ou outras semelhantes:

**O Senhor esteja no teu coração,
para confessares os teus pecados
com espírito arrependido.**

O sacerdote lê um texto da Sagrada Escritura, no qual se proclama a misericórdia de Deus e se exorta o homem ao arrependimento.

Mt 6, 14-15

Escutemos o Senhor que nos diz:

**«Se perdoardes aos homens as suas faltas,
também o vosso Pai celeste vos perdoará.**

**Mas se não perdoardes aos homens,
também o vosso Pai não vos perdoará as vossas faltas».**

O penitente confessa os seus pecados. O sacerdote dá-lhe os conselhos oportunos, impõe-lhe a penitência e convida-o à contrição. O penitente pode dizer, por exemplo:

Salmo 24 (25), 6-7

**Lembra-Vos, Senhor, das vossas misericórdias
e das vossas graças que são eternas.**

**Não recordeis as minhas faltas e pecados,
mas lembrai-Vos de mim segundo a vossa clemência,
por causa da vossa bondade, Senhor.**

O sacerdote, estendendo ambas as mãos ou, pelo menos, a direita sobre a cabeça do penitente, diz:

**Deus, Pai de misericórdia,
que, pela morte e ressurreição de seu Filho,
reconciliou o mundo consigo
e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados,
te conceda, pelo ministério da Igreja,
o perdão e a paz.
E eu te absolvo dos teus pecados
em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.**

O penitente responde:

Amen.

Depois da absolvição, o sacerdote prossegue:

Dai graças ao Senhor, porque é bom. (Sal 117,1)

O penitente conclui:

Porque é eterna a sua misericórdia..

O sacerdote despede o penitente, já reconciliado.

**O Senhor perdoou os teus pecados.
Vai em paz.**

Oração do penitente:

**Meu Deus, pesa-me de todo o coração
e arrependo-me do mal que pratiquei
e do bem que deixei de fazer,
porque, pelos meus pecados, Vos ofendi a Vós,
que sois o sumo bem,
digno de ser amado sobre todas as coisas.
Proponho firmemente, com o auxílio da vossa graça,
fazer penitência, não mais tornar a pecar
e fugir das ocasiões do pecado.
Senhor, pelos merecimentos da paixão
do nosso Salvador Jesus Cristo,
tende compaixão de mim.**

Ou então:

**Salmo 50 (51), 3.11-12
Compadecei-Vos de mim, Senhor, pela vossa bondade.
Desviai o vosso rosto das minhas faltas
e purificai-me de todos os meus pecados.
Criai em mim, ó Deus, um coração puro,
e fazei nascer dentro de mim um espírito firme.**

Testemunho de conversão

Miguel Vera

Chamo-me Miguel, tenho 34 anos, sou de Assunção, no Paraguai. Na minha família somos onze e eu sou o único que teve problemas com drogas. Superei a minha dependência na «Fazenda da Esperança San Rafael» (Casa da Esperança San Rafael) no Rio Grande do Sul, no Brasil.

Consumi drogas durante 16 anos, desde os 11 anos de idade. Sempre tive dificuldades no relacionamento com a minha família, porque não me sentia amado nem compreendido pelos meus pais. Discutíamos constantemente e as nossas relações eram muito tensas. Não me lembro de alguma vez ter me sentado à mesa para jantar com a minha família. Para mim, a família era um conceito inexistente. A minha casa era apenas um lugar para dormir e comer.

Aos 11 anos, fugi de casa porque o vazio dentro de mim era grande demais. Continuei a estudar, mas queria «liberdade». Logo, em poucos meses, experimentei drogas pela primeira vez no caminho para a escola. Isso só aprofundou o vazio dentro de mim: não queria voltar para casa, enfrentar a minha família, enfrentar a mim mesmo. Depois, abandonei os estudos e os meus pais me expulsaram de casa porque perderam toda a esperança.

Aos 15 anos, cometi um crime pelo qual fui para a prisão. O meu pai veio uma vez visitar-me na prisão e perguntou-me se eu queria mudar, e eu respondi que sim. Assim que recuperei a liberdade, voltei a cometer um crime. Um dia, cometi outro crime e fui novamente preso, desta vez por seis anos, durante os quais sofri muito. Não conseguia entender por que nenhum dos meus irmãos e irmãs tinha vindo visitar-me. Os anos passaram e cumpri a minha pena. Os meus pais sempre foram muito próximos da Igreja.

Um mês após a minha libertação, um padre amigo da família convidou-me para conhecer um lugar chamado «Fazenda da Esperança» (Casa da Esperança). Eu não tinha nenhum propósito na vida. Todos aqueles anos perdidos eram claramente visíveis no meu olhar, no meu rosto. Aceitei ir e, desde a minha primeira visita, compreendi o que significava ter uma família. No início, as relações e a vida em comunidade foram muito difíceis para mim. Nesta comunidade, o método de cura era realizado através da Palavra de Deus, vivendo a Palavra.

Nesse processo de cura, tive um companheiro de quarto a quem, no início, não conseguia perdoar. Eu precisava de paz, enquanto ele precisava de amor. Durante os sete meses que passei naquele lugar, fui encarregado de melhorar a administração da casa. Foi precisamente graças a essa tarefa que compreendi que Deus queria algo de mim. Certa vez, o meu companheiro recebeu uma carta da sua esposa. A relação deles não estava bem. Isso ajudou-me a compreendê-lo melhor. Levei-lhe a carta e ele perguntou-me: «Irmão, pode perdoar-me?», e eu respondi: «Sim, claro». A partir desse momento, a nossa relação tornou-se excelente. Deus realmente transformou-nos. Ele faz-nos renascer!

Recuperei-me completamente há dez anos. Há três anos sou responsável pela casa. «Quo Vadis?» na Casa da Esperança em Cerro Chato.

(Testemunho proferido por ocasião da JMJ em Cracóvia, em 2016)

PARTE II

A VIGÍLIA

«A adoração, na sua essência, é um abraço com Jesus, no qual eu lhe digo: “Eu sou teu e peço que tu também estejas sempre comigo”»

*Papa Bento XVI,
Encontro de catequese e oração com as crianças da Primeira Comunhão,
15 de outubro de 2005.*

Premissas

A Vigília que se realiza durante a iniciativa «24 horas para o Senhor» tem um papel fundamental, pois caracteriza todo o evento. É desejável que a Vigília se realize com o Santíssimo Sacramento exposto, enquanto um ou mais sacerdotes permanecem disponíveis para celebrar o Sacramento da Reconciliação.

A presente Vigília inspira-se nas palavras que Jesus dirigiu à adúltera: «Nem eu te condeno», evidenciando o perdão gratuito, apesar de a culpa da mulher ser evidente. Toda a passagem, onde o apóstolo João descreve o encontro entre Jesus e a adúltera, permite múltiplas interpretações. Centramo-nos em dois aspetos: o primeiro sublinha o perdão que Jesus está disposto a oferecer a cada homem, independentemente do pecado que tenha cometido; o segundo convida-nos a seguir o Mestre do perdão e a perdoar os pecados dos nossos devedores.

O evento «24 horas para o Senhor» está intimamente relacionado com o tempo litúrgico: isto é, com o IV Domingo da Quaresma. A alegria celebrada durante este domingo, conhecida na antiguidade como «*Leatare*», provém da conversão pessoal, da reconciliação com Deus e da graça recebida no Sacramento do Perdão. As leituras do domingo (*Jos* 5,9a.10-12; *Sal* 33; *2Cor* 5,17-21; *Lc* 15,1-3.11-32) sublinham o poder do perdão e a graça da terra prometida, concentrando-se na história do filho pródigo. A iniciativa foi colocada precisamente nos dias que antecedem o IV Domingo da Quaresma para dar a todos os fiéis a possibilidade de se reconciliarem com Deus e se prepararem, desta forma, para a Páscoa que se aproxima.

Durante o decorrer da iniciativa *24 horas para o Senhor*, é oportuno sublinhar os conteúdos acima indicados. No entanto, o seu desenvolvimento e a escolha dos temas e das passagens bíblicas são sempre deixados à discrição dos pastores e dos organizadores do evento que, nas várias partes do mundo, conhecem melhor as necessidades dos fiéis confiados aos seus cuidados pastorais.

A prática dos anos anteriores mostra que a iniciativa se desenvolve normalmente de três maneiras:

1. Em pequenas comunidades, como por exemplo em hospitais, paróquias ou reitorias com um número relativamente baixo de fiéis.
Neste caso, toda a iniciativa decorre normalmente na sexta-feira à tarde. O evento poderia começar com a Liturgia penitencial, para depois expor o Santíssimo Sacramento e, com a Adoração Eucarística silenciosa ou animada por um grupo de oração (de acordo com as possibilidades e necessidades da comunidade), convidar todos à reconciliação sacramental com Deus.
2. Nas paróquias mais numerosas (especialmente nas áreas urbanas), nas prefeituras (e/ou vicariatos/decanatos) ou onde se decidir organizar o evento em várias paróquias/comunidades.
Seria recomendável começar na sexta-feira à noite com a Santa Missa ou com a Liturgia da Palavra. Em seguida, expõe-se o Santíssimo Sacramento e inicia-se a Adoração Eucarística, animada por diferentes grupos paroquiais ou de várias paróquias.

Os responsáveis estabelecem tanto o programa de toda a Adoração como a sua duração, garantindo os turnos para as confissões dos fiéis.

3. Nas igrejas catedrais, basílicas, santuários, ou nas paróquias e locais de culto mais significativos para a Igreja local e cuidadosamente escolhidos pelo Ordinário ou pelas pessoas responsáveis.

O evento deve ser organizado de forma mais solene, sublinhando a universalidade da Igreja que o celebra ao mesmo tempo em todo o mundo. A igreja deve permanecer aberta mesmo à noite, com a Adoração Eucarística animada por vários grupos de oração e por diversas comunidades. É desejável que o Ordinário e os Bispos estejam presentes pelo menos no início e no final do evento, disponibilizando-se também para a celebração do Sacramento da Reconciliação. Deve-se garantir a presença constante de um ou mais sacerdotes dispostos a ouvir as confissões.

Sempre que possível, um grupo de fiéis, especialmente formado e preparado, poderia convidar as pessoas que passam perto da igreja a entrar e participar no evento (especialmente nas igrejas centrais da cidade, nos centros históricos e turísticos, nos locais de grande afluência de pessoas, etc.). Um simples convite, uma palavra de boas-vindas, uma explicação sobre o evento são muitas vezes uma ocasião para iniciar uma conversa muito mais séria, tornando-se um momento real de evangelização. Muitas vezes, os fiéis leigos, especialmente entre aqueles que recebem formação sistemática em várias comunidades e grupos de oração, podem prestar um excelente serviço na preparação para a confissão, dialogando com pessoas que não frequentam a igreja há algum tempo e que poderiam sentir-se desconfortáveis na presença direta e imediata do sacerdote.

A fim de adaptar a proposta da Vigília às exigências particulares de uma comunidade específica (paróquia, capela de um hospital, mosteiro, reitoria, santuário, etc.), podem-se escolher os cânticos. Para aprofundar os temas apresentados nos textos bíblicos propostos, sugere-se preparar uma meditação ou escolher alguns testemunhos, de acordo com as exigências e possibilidades da própria comunidade.

Início da vigília. Liturgia penitencial

Enquanto o presbítero e os ministros se aproximam do presbitério, a assembleia canta o hino ou outro canto apropriado.

SAUDAÇÃO E MONICÃO

C: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

R: Amen.

C: A misericórdia e a paz estejam com todos vós.

R: E com o vosso espírito.

C: Irmãos e irmãs, também hoje Jesus misericordioso nos dirige a palavra do perdão e nos convida à conversão. Abramos os nossos corações para que a graça de Deus possa agir em nós. Confiemos as nossas irmãs e irmãos, especialmente aqueles que se afastaram de Deus, para que, nestas vinte e quatro horas dedicadas de maneira especial, em toda a Igreja, à reconciliação, possam ouvir a voz do Salvador: «Também eu não te condeno. Vai e, de agora em diante, não peques mais».

Todos se recolhem por um momento em oração silenciosa.

C: Ó Deus, Pai bom e grande no perdão, acolhe no abraço do teu amor todos os filhos que voltam para ti com espírito arrependido; cobre-os com as vestes da salvação, para que possam participar da alegria do banquete pascal do Cordeiro. Ele que é Deus e vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

LITURGIA DA PALAVRA

Primeira Leitura - Is 43,16-21

Do livro do profeta Isaías

O Senhor abriu outrora caminhos através do mar,
veredas por entre as torrentes das águas.

Pôs em campanha carros e cavalos,
um exército de valentes guerreiros;
e todos caíram para não mais se levantarem,
extingiram-se como um pavio que se apaga.

Eis o que diz o Senhor:

«Não vos lembreis mais dos acontecimentos passados,
não presteis atenção às coisas antigas.

Olhai: vou realizar uma coisa nova,
que já começa a aparecer; não a vedes?

Vou abrir um caminho no deserto,
fazer brotar rios na terra árida.
Os animais selvagens – chacais e avestruzes –
proclamarão a minha glória,
porque farei brotar água no deserto,
rios na terra árida,
para matar a sede ao meu povo escolhido,
o povo que formei para Mim
e que proclamará os meus louvores».

L: Palavra do Senhor

R: Glória a Vós, Senhor.

Salmo Responsorial - Salmo 102 (103), 1-2.3-4.8.10.12-13 (R. 8a)

Refrão: O Senhor é clemente e cheio de compaixão. **Repete-se**

Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios. **Refrão**

Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades.
Salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia. **Refrão**

O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade.
Não nos tratou segundo os nossos pecados,
nem nos castigou segundo as nossas culpas. **Refrão**

Como o Oriente dista do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados.
Como um pai se compadece dos seus filhos,
assim o Senhor Se compadece dos que O temem. **Refrão**

Aclamação ao Evangelho - Cf. Joel 2,12-13

Refrão: *Louvor e glória a Vós, Jesus Cristo Senhor.* **Repete-se**

Convertei-vos a Mim de todo o coração, diz o Senhor;
porque sou benigno e misericordioso. **Refrão**

Evangelho – Jo 8,1-11

C: O Senhor esteja convosco.

R: Ele está no meio de nós.

C: Leitura do Santo Evangelho segundo São João

R: Glória a Vós, Senhor.

Naquele tempo,
Jesus foi para o monte das Oliveiras.
Mas de manhã cedo, apareceu outra vez no templo,
e todo o povo se aproximou d'Ele.
Então sentou-Se e começou a ensinar.
Os escribas e os fariseus apresentaram a Jesus
uma mulher surpreendida em adultério,
colocaram-na no meio dos presentes e disseram a Jesus:
«Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério.
Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar tais mulheres.
Tu que dizes?».
Falavam assim para Lhe armarem uma cilada
e terem pretexto para O acusar.
Mas Jesus inclinou-Se
e começou a escrever com o dedo no chão.
Como persistiam em interrogá-l'O,
ergueu-Se e disse-lhes:
«Quem de entre vós estiver sem pecado
atire a primeira pedra».
Inclinou-Se novamente e continuou a escrever no chão.
Eles, porém, quando ouviram tais palavras,
foram saindo um após outro, a começar pelos mais velhos,
e ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio.
Jesus ergueu-Se e disse-lhe:
«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?».
Ela respondeu: «Ninguém, Senhor».
Disse então Jesus:
«Nem Eu te condeno.
Vai e não tornes a pecar».

C: Palavra do Senhor.

R: Glória a Vós, Senhor.

Segue-se a homilia.

CONFISSÃO GERAL DOS PECADOS

Após uma breve pausa para reflexão após a homilia, o celebrante diz:

C: Confiantes na misericórdia do nosso Senhor, que não nos condena, mas sempre nos exorta à vida de graça, confessamos os nossos pecados.

C: Senhor, enviado pelo Pai para salvar os aflitos de coração, tende piedade de nós.

R: *Senhor, tende piedade de nós.*

C: Cristo, que vieste chamar os pecadores, tem piedade de nós.

R: *Cristo, tende piedade de nós.*

C: Senhor, que intercedeste por nós junto ao Pai, tem piedade de nós.

R: *Senhor, tende piedade de nós.*

PAI NOSSO

Todos se levantam.

C: E agora, elevemos a nossa oração a Deus, nosso Pai, para que perdoe os nossos pecados.

R: Pai Nosso que estais nos Céus...

RITO DA PAZ

C: Caros irmãos, movidos pelas palavras de Jesus, que deseja perdoar as nossas ofensas se também nós perdoarmos aqueles que nos ofendem, como sinal de perdão recíproco, troquemos agora um gesto de reconciliação e paz.

Todos trocam um sinal de paz.

Começa a exposição do Santíssimo Sacramento «more solito» e a Adoração Eucarística, que durará até ao final das «24 horas para o Senhor».

Segue-se o tempo para as confissões e a absolvição individual.

No final da Vigília, é dada a bênção solene com o Santíssimo Sacramento. Em alguns lugares, especialmente onde a iniciativa das «24 horas para o Senhor» foi realizada de forma solene, terminando no sábado à tarde, pode-se celebrar a Santa Missa vespertina do IV Domingo da Quaresma ou as Primeiras Vésperas.

Desenvolvimento da vigília

O presente texto é uma proposta que deve ser concretizada e inculturada de acordo com as tradições locais. Tendo em conta a duração da vigília, o número de participantes, as possibilidades organizativas e outros fatores, a animação da Adoração Eucarística poderia ser feita por turnos, com uma mudança temática após cada hora.

Durante a celebração da vigília, não devem faltar momentos de oração silenciosa diante do Santíssimo Sacramento.

ROTEIRO DE UM TURNO

Exposta a Santíssima Eucaristia, após um momento de silêncio, o coro interpreta um canto. Segue-se a leitura da passagem bíblica:

Do Livro do Profeta Isaías (1,10-19)

Escutai a palavra do Senhor, chefes de Sodoma;
dai ouvidos à lei do nosso Deus, povo de Gomorra:
«De que Me servem os vossos inúmeros sacrifícios? – diz o Senhor –
Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de vitelos;
detesto o sangue de touros, cordeiros e cabritos.
Quando vindes à minha presença,
quem vos convidou a pisar os meus átrios?
Deixai de Me trazer ofertas inúteis:
o fumo do incenso Me repugna,
não suporto as luas novas, os sábados, as assembleias,
a impiedade das vossas festas.
Abomino do íntimo da alma
as vossas luas novas e as vossas solenidades,
que se tornaram um peso para Mim
e não as suporto mais.
Quando levantai as mãos,
desvio de vós o meu olhar.
Ainda que multipliqueis as vossas preces,
não lhes darei atenção,
porque as vossas mãos estão cheias de sangue.
«Lavai-vos, purificai-vos, afastai dos meus olhos a malícia das vossas ações,
deixai de praticar o mal e aprendei a fazer o bem.
Respeitai o direito, protegei o oprimido,
fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva.
Vinde então para discutirmos as nossas razões, – diz o Senhor.
Ainda que os vossos pecados sejam como o escarlate, ficarão brancos como a neve;
ainda que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã.
Se fordes dóceis e obedientes, comereis os bens da terra.

L. Palavra do Senhor.

R. Glória a Vós, Senhor.

Permanecemos em silêncio.

TESTEMUNHO/MEDITAÇÃO

A seguir é apresentado um testemunho de conversão. Este testemunho pode ser proferido por uma pessoa disposta a partilhar como o Senhor tocou o seu coração com a graça do perdão, ou então um testemunho lido (por exemplo, neste subsídio é oferecido o testemunho de Miguel Vera). Caso não seja possível apresentar o testemunho, pode-se propor um texto meditativo, como o que se segue a seguir:

Exposição sobre o Salmo 35, Santo Agostinho

Ver a luz de Deus

Portanto, irmãos, sejamos filhos dos homens, esperemos à sombra das suas asas e embriaguemo-nos com a abundância da sua casa. Falei como pude e como posso ver, mas não consigo expressar-me de acordo com o que vejo. Eles se embriagarão com a abundância da tua casa; e tu lhes darás de beber do torrente das tuas delícias. Chama-se torrente à água que vem impetuosa. Haverá ímpeto de misericórdia divina, para regar e inundar aqueles que agora colocam a sua esperança à sombra das suas asas. Qual é essa delícia? É como um torrente que embriaga os sedentos. Agora, pois, quem tem sede que coloque a sua esperança; o sedento tenha esperança: ele se embriagará com a realidade; antes de possuir a realidade, esteja sedento em esperança. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados (Mt 5, 6).

De que fonte serás regado, e de onde mana um torrente tão abundante das suas delícias?

Porque em ti, diz ele, está a fonte da vida. Quem é a fonte da vida, senão Cristo? Ele veio a ti em carne para regar a tua garganta sedenta; saciará aquele que tem esperança, ele, que regou aquele que tinha sede. Porque em ti está a fonte da vida, e na tua luz veremos a luz. Aqui, uma coisa é a fonte e outra é a luz; lá não será assim. Porque o que é a fonte, isso mesmo é a luz; chama-lhe como quiseses, mas não é o que tu lhe chamas: não se pode encontrar um nome apropriado, não se contém num único termo. Se disseses que é apenas luz, responder-te-iam: Não é razoável dizer de mim que tenho fome e sede; porque quem pode comer a luz? Com toda a verdade me foi dito: Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus (Mt 5, 8); se é luz, prepararei os meus olhos. Prepara também a tua garganta, porque o que é luz, também é fonte: fonte porque sacia os sedentos; luz porque ilumina os cegos. Neste mundo, frequentemente, num lugar é luz e noutro é fonte. Há vezes em que as fontes fluem nas trevas; e outras vezes, no meio do deserto, sofrerás o sol e não encontrarás a fonte; aqui, ambas as coisas podem se separar; ali, não te cansarás porque é a fonte, e não estarás nas trevas porque é a luz.

Após o testemunho/meditação, entoa-se um canto e permanece-se em oração silenciosa. Em seguida, toda a assembleia pode pronunciar a seguinte oração de intercessão.

ORAÇÃO DE INTERCESSÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

A Maria, mulher profundamente pacífica, rainha da paz, nos dirigimos:

Rogai por nós, Mulher fiel, seio sagrado do Verbo.
Ensinai-nos a ouvir o clamor dos pobres e da mãe Terra,
atentos aos apelos do Espírito no segredo do coração,
na vida dos irmãos, nos acontecimentos da história,
no gemido e no júbilo da criação.

Santa Maria, Mãe dos vivos, mulher forte, dolorosa e fiel,
Virgem Esposa junto à Cruz,
onde se consuma o amor e brota a vida,
sede guia do nosso compromisso de serviço.

Ensinai-nos a parar convosco junto às infinitas cruzes
onde o vosso Filho continua crucificado,
onde a vida está mais ameaçada;
a viver e a dar testemunho do amor cristão,
acolhendo em cada homem um irmão.
a renunciar ao egoísmo sombrio
para seguir Cristo, verdadeira luz do homem.

Virgem da paz, porta da esperança segura,
acolhei a oração dos vossos filhos.

*(da meditação do Santo Padre Leão XIV na Vigília de Oração e Rosário pela paz.
Praça de São Pedro, 11 de outubro de 2025)*

Canta-se um hino e permanece-se em oração silenciosa até ao final do turno de oração.

Dependendo da duração da vigília, pode-se repetir este esquema, mudando as passagens bíblicas e os cânticos, e alternando os testemunhos, as meditações e as orações.

Tendo em conta o tempo litúrgico da Quaresma, pode-se incluir também a *Via Sacra*. Pode-se propor também a oração do Santo Rosário e/ou da Coroa da Divina Misericórdia.

Algumas passagens bíblicas para compor outros turnos da vigília:

- *Salmo 51* (salmo de arrependimento);
- *Mt 6,1-21* (esmola – oração – jejum);
- *Lc 6,27-38* (amor aos inimigos – não julgar);
- *Lc 24,13-34* (os dois discípulos no caminho de Emaús).

Como alternativa, tanto para o aprofundamento individual como para a celebração comunitária, propõe-se a *Mensagem do Santo Padre Leão XIV para a Quaresma de 2026*.

Mensagem do Papa Leão XIV para a Quaresma de 2026

Escutar e jejuar. Quaresma como tempo de conversão

Queridos irmãos e irmãs!

A Quaresma é o tempo em que a Igreja, com solicitude maternal, nos convida a recolocar o mistério de Deus no centro da nossa vida, para que a nossa fé ganhe novo impulso e o coração não se perca entre as inquietações e as distrações do quotidiano.

Todo o caminho de conversão começa quando nos deixamos alcançar pela Palavra e a acolhemos com docilidade de espírito. Existe, portanto, um vínculo entre o dom da Palavra de Deus, a hospitalidade que lhe oferecemos e a transformação que ela realiza. Por isso, o itinerário quaresmal torna-se uma ocasião propícia para dar ouvidos à voz do Senhor e renovar a decisão de seguir Cristo, percorrendo com Ele o caminho que sobe a Jerusalém, onde se realiza o mistério da sua paixão, morte e ressurreição.

Escutar

Este ano gostaria de chamar a atenção, em primeiro lugar, para a importância de dar lugar à Palavra através da *escuta*, pois a disponibilidade para escutar é o primeiro sinal com que se manifesta o desejo de entrar em relação com o outro.

O próprio Deus, revelando-se a Moisés na sarça ardente, mostra que a escuta é uma característica distintiva do seu ser: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor» (*Ex* 3, 7). Escutar o clamor dos oprimidos é o início de uma história de libertação, na qual o Senhor envolve também Moisés, enviando-o a abrir um caminho de salvação para os seus filhos reduzidos à escravidão.

É um Deus que nos envolve e, hoje, também vem até nós com os pensamentos que fazem vibrar o seu coração. Por isso, escutar a Palavra na liturgia educa-nos para uma escuta mais verdadeira da realidade: entre as muitas vozes que passam pela nossa vida pessoal e social, as Sagradas Escrituras tornam-nos capazes de reconhecer aquela que surge do sofrimento e da injustiça, para que não fique sem resposta. Entrar nesta disposição interior de receptividade significa deixar-se instruir hoje por Deus para escutar *como* Ele, até reconhecer que «a condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e económicos e, sobretudo, a Igreja». [1]

Jejuar

Se a Quaresma é um tempo de escuta, o *jejum* constitui uma prática concreta que nos predispõe a acolher a Palavra de Deus. Na verdade, a abstinência de alimentos é um exercício ascético muito antigo e insubstituível no caminho da conversão. Precisamente porque implica o corpo, torna mais evidente aquilo de que temos “fome” e o que consideramos essencial para o nosso sustento. Portanto, é útil para discernir e ordenar os “apetites”, para manter vigilante a fome e a sede de justiça, subtraindo-a à resignação e instruindo-a a fim de se tornar oração e responsabilidade para com o próximo.

Com grande sensibilidade espiritual, Santo Agostinho deixa transparecer a tensão entre o tempo presente e a realização futura que atravessa esta salvaguarda do coração, quando observa que: «Ao longo da vida terrena, cabe aos homens ter fome e sede de justiça, mas ser saciados pertence à outra vida. Os anjos saciam-se deste pão, deste alimento. Os homens, pelo contrário, sentem fome dele, estão inclinados ao seu desejo. Esta inclinação ao desejo dilata a alma, aumentando a sua capacidade». [2] Compreendido neste sentido, o jejum permite-nos não só disciplinar o desejo, purificá-lo e torná-lo mais livre, mas também ampliá-lo, de tal modo que se volte para Deus e se oriente para agir no bem.

No entanto, para que o jejum conserve a sua autenticidade evangélica e evite a tentação de envaidecer o coração, deve ser sempre vivido com fé e humildade. Ele exige um permanente enraizar-se na comunhão com o Senhor, porque «não jejua verdadeiramente quem não sabe alimentar-se da Palavra de Deus». [3] Como sinal visível do nosso compromisso interior de, com o apoio da graça, nos afastarmos do pecado e do mal, o jejum deve incluir também outras formas de privação destinadas a fazer-nos assumir um estilo de vida mais sóbrio, pois «só a austeridade torna forte e autêntica a vida cristã». [4]

Por isso, gostaria de vos convidar a uma forma de abstinência muito concreta e frequentemente pouco apreciada, ou seja, a abstinência de palavras que atingem e ferem o nosso próximo. Começemos por desarmar a linguagem, renunciando às palavras mordazes, ao juízo temerário, ao falar mal de quem está ausente e não se pode defender, às calúnias. Em vez disso, esforcemo-nos por aprender a medir as palavras e a cultivar a gentileza: na família, entre amigos, nos locais de trabalho, nas redes sociais, nos debates políticos, nos meios de comunicação social, nas comunidades cristãs. Assim, muitas palavras de ódio darão lugar a palavras de esperança e paz.

Juntos

Por fim, a Quaresma realça a dimensão comunitária da escuta da Palavra e da prática do jejum. A Escritura sublinha também este aspeto de várias maneiras. Por exemplo, ao narrar no livro de Neemias que o povo se reuniu para escutar a leitura pública do livro da Lei e, praticando o jejum, se dispôs à confissão de fé e à adoração, a fim de renovar a aliança com Deus (cf. *Ne* 9, 1-3).

Do mesmo modo, as nossas paróquias, famílias, grupos eclesiais e comunidades religiosas são chamadas a percorrer, durante a Quaresma, um caminho partilhado, no qual a escuta da Palavra de Deus, assim como do clamor dos pobres e da terra, se torne forma de vida comum e o jejum suporte um verdadeiro arrependimento. Neste contexto, a conversão diz respeito não só à consciência do indivíduo, mas também ao estilo das relações, à qualidade do diálogo, à capacidade de se deixar interpelar pela realidade e de reconhecer o que realmente orienta o desejo, tanto nas nossas comunidades eclesiais como na humanidade

sedenta de justiça e reconciliação.

Caríssimos, peçamos a graça de uma Quaresma que torne os nossos ouvidos mais atentos a Deus e aos últimos. Peçamos a força dum jejum que também passe pela língua, para que diminuam as palavras ofensivas e aumente o espaço dado à voz do outro. E comprometamo-nos a fazer das nossas comunidades lugares onde o clamor de quem sofre seja acolhido e a escuta abra caminhos de libertação, tornando-nos mais disponíveis e diligentes no contributo para construir a civilização do amor.

De coração, abençoo todos vós e o vosso caminho quaresmal.

Vaticano, na Memória de Santa Ágata, virgem e mártir, 5 de fevereiro de 2026

LEÃO PP. XIV

[1] Exort. ap. Dilexi te (4 de outubro de 2025), 9.

[2] Santo Agostinho, A utilidade do jejum, 1, 1.

[3] Bento XVI, Catequese (9 de março de 2011).

[4] São Paulo VI, Catequese (8 de fevereiro de 1978).